

**COLETIVO MENINAS(OS) DE PALAVRA: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA SOBRE O EMPREGO DO GÊNERO CARTA PESSOAL PARA
REFLEXÃO E INTIMIDADE ENTRE EDUCANDOS E ESCRITORAS
LITERÁRIAS EM UM AMBIENTE DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL.**

Natally Siqueira Benatti (Universidade Estadual de Londrina, UEL)
natally_nsb@hotmail.com

Resumo

Com este trabalho, buscamos discorrer, através de um relato de experiência, sobre um projeto de incentivo à leitura e escrita desenvolvido na Biblioteca Interativa do Centro Educacional Marista Ir. Acácio, espaço educação não formal. O tema proposto pelos educandos foi refletir a condição da mulher na sociedade. Para tanto, utilizamos o gênero carta pessoal. A escolha da produção de texto se deu pela possibilidade da meditação durante o ato da escrita, permitindo a revelação de novas ideias e associações. Depois de um estudo sobre vida e obra de autoras literárias (estudamos as autoras Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Nélide Piñon e Alice Ruiz), os educandos escreviam para as mesmas expressando suas impressões, críticas, reflexões e seus questionamentos. Privilegiamos a escrita feminina como um relato de vivência, pois está intimamente ligado com a forma com que as escritoras, enquanto mulheres, se colocavam em seus contextos. Por ser um gênero que possibilita o emprego da linguagem informal e por ter a característica de gênero privativo, a carta pessoal favorece uma intimidade maior entre o destinatário e o remetente, fazendo com que seja estimulada a confiança na apresentação das ideias durante a comunicação dos educandos com as escritoras.

Palavras-chave: Educação não formal, Carta pessoal, Reflexão, Coletivo.

INTRODUÇÃO

Objetivamos discorrer, através de um relato de experiência, sobre o trabalho com o gênero textual carta pessoal em um ambiente de educação não formal. Um grupo de 5 educandos alimentaram o projeto durante 2 meses. No coletivo, os educandos trocaram ideias, críticas, experiências e impressões acerca da mulher no contexto social em que vivemos. Para tanto, eles escreviam cartas para autoras literárias (Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Nélide Piñon e Alice Ruiz) a fim de fazer um paralelo com os dois contextos

sociais (o da autora e o nosso contemporâneo), bem como de refletir sobre a condição da mulher ao longo da história.

Buscamos com o projeto o incentivo da leitura e escrita como um processo lúdico de participação e envolvimento, que eu leia, mas também possa dimensionar o momento histórico que estou vivendo com as minhas impressões e críticas. Pretendemos também a realização eficiente do letramento, bem como o desenvolvimento do senso-crítico dos educandos quanto ao tema proposto; tema este que está intimamente ligado com o contemporâneo, afetando, assim, suas vidas diariamente.

Com a finalidade de proteger a identidade dos educandos, trocamos seus nomes por nomes fictícios, que estão na tabela abaixo junto com a idade e a escolaridade de cada participante, sendo, então, possível a visualização do perfil do grupo para quando apresentarmos trechos das cartas produzidas.

Nome fictício do(a) educando(a)	Idade	Escolaridade
Maria	17 anos	Cursando o 3º ano do Ensino Médio.
Mariana	15 anos	Cursando o 1º ano do Ensino Médio.
Luísa	18 anos	Cursando o 3º anos do Ensino Médio.
Letícia	17 anos	Cursando o 3º ano do Ensino Médio.
Carlos	15 anos	Cursando o 1º ano do Ensino Médio.

O projeto foi desenvolvido na Biblioteca Interativa do Centro Educacional Marista Ir. Acácio, ambiente de educação não formal. Diferente da educação formal, a educação não formal não segue diretrizes curriculares ou um sistema de avaliação baseado em notas e aprovações. Gadotti (2005) explica a diferença entre os dois espaços educacionais:

A educação formal tem objetivos específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. A educação não-formal é mais difusa e menos hierárquica. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem.

Segundo Maria da Glória Gohn (2006), a educação não formal designa um processo de formação para a cidadania, de capacitação para o trabalho, de organização comunitária e de aprendizagem dos conteúdos escolares em ambientes diferenciados. Gadotti (2005) defende a complementaridade entre o sistema formal e a grande variedade de ofertas de educação não formal, inclusive para enriquecer a educação formal, reforçando modos alternativos de aprendizagem.

O Instituto Marista teve sua origem na França, em 1817, com o Padre Marcelino Champagnat, tendo como missão evangelizar, pela educação, crianças e jovens buscando substituir o rigor da disciplina punitiva pela pedagogia da presença, do cuidado e do amor. Presente em 79 países, esta Rede é formada por centros sociais, centros de formação, colégios, universidades, hospitais, veículos de comunicação e editoras. O foco de atuação da Rede Marista de Solidariedade (RMS) é

a promoção e a defesa dos direitos de crianças e jovens e a educação para a solidariedade. Deve dar especial atenção aos economicamente empobrecidos, entendendo que eles se encontram em uma posição de desvantagem e maior vulnerabilidade em relação aos outros setores da população. Educar para a solidariedade envolve processos e práticas que oportunizam a sensibilização e a vivência, possibilitando níveis de interação e engajamento com pessoas e realidades. Significa, ainda, contribuir para a formação de sujeitos críticos, que querem e podem tornar-se atores, defender interesses coletivos, explicar e combater os mecanismos que engendram a violência, a miséria e a exclusão (REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE, 2012).

O Centro Educacional Marista Ir. Acácio compõe a rede municipal de atendimento à criança e adolescente da região norte de Londrina desde 2004. Os educandos e suas famílias caracterizam-se por estarem em situação de vulnerabilidade social. Além disso, a instituição recebe encaminhamentos das diversas estruturas da rede de serviços de Londrina – conselho tutelar, escolas, centro de referência de assistência social e de instituições que compõem a rede de proteção social básica e especial (SILVA; GIARETA, 2014). Enquanto ambiente de educação não formal, o CEM Ir. Acácio oferece atividades de promoção cultural através da arte-educação, como: artes cênicas, artes visuais, arte circense, educomunicação, música, expressão corporal, entre outras linguagens.

Pautada nos valores amor ao trabalho, simplicidade, justiça, presença significativa, espiritualidade e espírito de família, a RMS oferece uma série de programas para atendimento aos educandos e à comunidade e, dentre eles, está o Programa Biblioteca Interativa. Desenvolvido nas Unidades Sociais da Rede Marista de Solidariedade com o intuito de promover a cultura, o acesso à informação e a produção de conhecimento, configurando-se em espaços abertos aos educandos, educadores e à comunidade (disponível em: <<http://www.solmarista.org.br/projetos/biblioteca-interativa/>>. Acesso em: 17 de outubro de 2015). Além disso, esse programa possibilita reforçar a concepção de que a biblioteca é um espaço para trocas de vivências e conhecimentos, local esse que abre para a dimensão social e histórica, que amplia desejos e horizontes.

Os encontros eram realizados semanalmente, às quartas-feiras, na Biblioteca Interativa, com um grupo composto por educandos de dois projetos da instituição: Mediadores de Leitura e Comunicação. Formado por uma maioria de mulheres (4 meninas e 1 menino), os educandos proporam um projeto para discutir a condição da mulher na sociedade, que foi intitulado como *Coletivo meninas(os) de palavra*.

Assim, para o desenvolvimento do tema, propomos, em contrapartida, a reflexão através da escrita. A escolha da produção de texto se dá pela possibilidade da meditação durante o ato da escrita, permitindo a revelação de novas ideias e associações. Segundo Paulo Freire (2011), a solidariedade que há entre a linguagem-pensamento e realidade, ao exigir novas formas de compreensão, coloca também a necessidade de novas formas de expressão. Com isso, nos textos, são expressas as percepções dos partícipes no decorrer dos encontros.

Posteriormente, juntos, decidimos que estudaríamos uma autora por semana (mas estendíamos o prazo de acordo com as necessidades e imprevistos); privilegamos a escrita feminina como um relato de vivência, pois está intimamente ligado com a forma com que as escritoras, enquanto mulheres, se colocavam em seus contextos. Ao todo, em um período de 2 meses, estudamos 4 autoras: Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Nélida Piñon e Alice Ruiz.

Depois de estudos sobre a vida e contexto social das escritoras, realizávamos a leitura de trechos de obras, contos, poemas, crônicas... Enfim, uma apresentação sucinta, devido o curto tempo que tínhamos para os encontros, que eram realizados uma vez por semana. Contudo, percebemos a curiosidade dos participantes em buscarem leituras complementares. Desta forma, o exercício de leitura também foi estimulado no projeto.

Para o exercício da reflexão com a escrita e o diálogo entre educandos e escritoras literárias, propomos o gênero carta pessoal. Este é um gênero textual que apesar de pouco explorado no ensino formal, possibilita, segundo Silva (2002):

a interação para que os sujeitos, discursiva e interativamente, reflitam, narrem e descrevam, compartilhando as suas experiências cotidianas e os seus sentimentos à luz dos propósitos comunicativos que os orientam, e das representações que possuem dos parceiros com quem interagem.

Além disso, por ser um gênero que possibilita o emprego da linguagem informal e por ter a característica de gênero privativo, a carta pessoal favorece uma intimidade maior entre o destinatário e o remetente, fazendo com que seja possível a confiança na apresentação das ideias durante a comunicação dos educandos com as escritoras.

A primeira autora que estudamos foi a Clarice Lispector. Para conhecê-la melhor, exibimos uma entrevista e um documentário sobre a mesma, lemos trechos de obras, roda de conversa e afins. Posteriormente, pedimos para que os educandos escrevessem uma carta para a Clarice expondo as impressões que tiveram (obras, escrita e personalidade). Enfim, foi um primeiro contato para avaliar a escrita dos educandos, como eles lidavam com o gênero e até para conhecê-los melhor.

Com as produções, percebemos que alguns dos educandos estavam pouco habituados a escrever e, principalmente, cartas, pois poucos respeitaram a estrutura básica do gênero. Entretanto, o contato inicial com a escritora foi, em geral, muito reflexivo e cheio de questionamentos. Na carta a seguir, a educanda Maria discorre suas impressões sobre a autora e questiona suas atitudes:

Londrina, 02 de abril de 2014.

Querida Clarice,

Por que tanta angústia? Por que tanta tristeza? Em suas palavras solitárias e distantes que você declara seus sentimentos, em sua vida tão misteriosa e cheia de imaginação, como você se sente quando escreve?

Cada livro seu, cada frase é uma imaginação e um pensamento diferente, uma emoção diferente. Suas palavras cheias de solidão e emoção expressam seus sentimentos que se interligam com a realidade do público. Suas escritas leem meus sentimentos, tocam o meu coração, me fazem pensar na vida e em como é se sentir sozinha.

Obrigada por fazer parte da minha vida!

Beijos.
Com carinho,

Nota-se, com a carta, uma grande identificação da educanda com a escritora. A educanda Maria, assim como consta na tabela de apresentação do grupo, possui 17 anos. Nesta fase, o adolescente se encontra em transição da infância para a idade adulta. Assim, como aponta Soares (2000), o/a adolescente, como alguém que "não é mais criança e ainda não é adulto", expressa a indefinição e o impasse do lugar que ocupa. Sua identidade está em processo, é móvel e instável, fazendo com que o jovem se sinta em um período de solidão, como no trecho "Suas escritas leem meus sentimentos, tocam o meu coração, me fazem pensar na vida e em como é se sentir sozinha".

Após um debate em grupo, os educandos escreviam cartas para a autora estudada relacionando o contexto delas com o que eles estão inseridos, colocando, então, suas percepções e críticas. O processo de escrita era iniciado na biblioteca e, geralmente, terminado em casa, pois aconselhávamos que o texto devia ser escrito com calma e sem pressa, visando sempre a ocorrência do pensar sobre a relação do eu com o mundo durante a dinâmica. Depois de prontas, corrigíamos as cartas e realizávamos um *feedback* da atividade, individual e coletivo, esclarecendo dificuldades e ressaltando os pontos positivos. Semanalmente, utilizávamos a metodologia de leitura das cartas em grupo para a comparação e discussão das ideias e dos resultados.

É interessante ressaltar que algumas destinatárias já estão falecidas, mas ainda assim os educandos interagem com as mesmas durante o processo de escrita. Ainda que algumas das autoras estudadas estejam vivas, como Alice Ruiz e Nélide Piñon, as cartas não foram enviadas para as autoras, visto que, neste primeiro momento, a proposta foi a reflexão durante a escrita e a troca de saberes e percepções no coletivo. Percebe-se o emprego de relatos de vivências e de críticas para a ocorrência da expressão, como neste fragmento da carta de uma educanda do grupo para a cronista Nélide Piñon:

Hoje lhe escrevo em forma de crítica, porque é um grande insulto às mulheres a crônica *I love my husband*, pois dói muito saber a verdade e, o pior, nos identificar com a personagem.

Vivemos rotineiramente dentro de normas e padrões que são colocados à nossa frente e simplesmente nos prostramos diante dessas normas. Não porque gostamos, mas porque não tivemos outra opção. Somos consideradas o sexo frágil ou as consumistas –mas jamais as guerreiras, lutadoras e cultas- por rótulos impostos por uma sociedade machista e preconceituosa, que nos esconde dentro de seus valores tradicionais.

Todas as conversas e reflexões se davam através de perguntas direcionadoras para que o grupo buscasse a informação de forma autônoma. Com esta carta, realizamos um debate muito interessante acerca das lutas das mulheres na história, pesquisamos sobre o movimento feminista, falamos sobre o machismo e analisamos as agressões que as mulheres sofrem diariamente.

Com a finalidade de mostrar o projeto para os outros educandos da unidade e para a comunidade, organizamos um sarau. Neste evento, acontecem leituras, recitais de textos e poemas, atividades de sensibilização, teatro e uma ambientação lúdica. Segundo Rangel e Machado (2012), sarau é uma atividade que envolve emoção, dramatização, oralidade, expressividade, amplia o conhecimento literário e o potencial cultural dos alunos e, inclusive, pode ser usado nas diversas disciplinas para contextualizar o momento histórico vivido, as descobertas científicas e seus reflexos na literatura.

O evento contou com a exposição das cartas do coletivo e também de desenhos de uma ex educanda do CEM. Ir. Acácio: “Quantas cores você tem?”. Segundo a autora, as produções objetivam “*questionar as mulheres sobre a sua própria identidade. O que você tem dentro de si? Qual a sua história? De onde você veio? Por quantos problemas você já passou? O que você tem vivido? Quais são os seus sonhos? Quais são os seus medos? Que cores eles tem? Quantas cores você tem?*”.

Além do sarau, os educandos do Coletivo Meninas(os) de Palavra se apresentaram no 7º Cê mostra, um evento realizado anualmente pela unidade no Teatro Marista que promove a arte, a cultura e a criatividade para

apresentar o resultado dos trabalhos realizados pelos educandos durante o ano. Intitulada de “As palavras”, a cena, dirigida pela (ex) educadora da biblioteca, apresentava construções de imagens lúdicas que remetiam as vivências cotidianas no espaço da biblioteca, bem como o resgate das escritoras que foram trabalhadas no projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Santa Rosa (2008), o projeto é a condição que o coletivo de pessoas se impõe de fazer e refazer percursos, para “*encontrar a sua própria resposta pra sua própria comunidade*”. Assim, trabalhar com projetos é negar a reprodução de modelos prontos e visar o tratamento da informação e a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem a construção de conhecimentos e a transformação da informação (HERNÁNDEZ, 1998).

A partir de um questionamento que era comum a todos do grupo (a mulher na sociedade), em uma relação de troca entre educandos e educadores, estruturamos e colocamos em prática um projeto para refletir, através das cartas escritas para as autoras literárias, a condição da mulher em seus diversos âmbitos, relacionando, assim, a visão dos educandos com a crítica exposta da escritora estudada.

Por não ser um espaço de educacional formal, a atividade não foi desenvolvida para uma avaliação ou obtenção de nota, mas sim para a reflexão e o estímulo da autonomia na busca pela informação e reflexão, visto que o papel do educador é mediar o conhecimento.

No projeto, as escritoras e a literatura atuaram como alicerce, e referência, para a construção do processo de expressão de cada indivíduo dentro do grupo. Com esse trabalho, investimos numa vivência coletiva que não perca a dimensão do individual, mas que os dois aspectos caminhem juntos e contribuam para para a unidade, comunidade e envolvidos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Disponível em: <http://www.virtual.ufc.br/solar/aula_link/llpt/A_a_H/estrutura_politica_gestao_organizacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2015.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006

HERNÁNDEZ, Fernando. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE. **Diretrizes e direcionamentos para a Rede Marista de Solidariedade**. São Paulo: FTD, 2012.

SANTA ROSA, Cláudia Sueli R. **Fazer a ponte para a escola de todos(as)**. Disponível em: <<http://www.escoladaponte.pt/site/images/teses/SANTA-ROSA.pdf>>. Acesso em: 21 de abril de 2015.

SOARES, Rosângela. **Adolescência: monstruosidade cultural?**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000077&pid=S0104-4060200700020000600015&lng=en>. Acesso em: 21 de abril de 2015.

SOLMARISTA. **Biblioteca Interativa**. Disponível em: <<http://www.solmarista.org.br/projetos/biblioteca-interativa/>>. Acesso em: 17 de abril de 2015.

SILVA, Viviane Aparecida da; GIARETE, Paulo Fioravante (Org.). **Biblioteca Interativa como espaço cultural: sistematização das experiências de Londrina e Maringá / Rede Marista de Solidariedade**. Curitiba: Champagnat, 2014.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002.